

Um sonho de regresso

Rosa Freire d’Aguilar Furtado

É numa carta de fins de 1974 que Celso Furtado faz a primeira referência ao curso que ministrará na PUC em São Paulo, no ano seguinte: “Continuo firme no propósito de iniciar atividades universitárias aí no próximo ano letivo. [...] Seria conveniente programar o início das atividades para imediatamente depois da Semana Santa, ou seja, a segunda semana de abril”,¹ escreve ao reitor Geraldo Ataliba Nogueira. O reitor lhe escrevera três meses antes, comunicando-lhe que

[...] tem causado aqui discreta mas excelente repercussão [...] a notícia da sua vinda para cá. De minha parte, estou muito esperançoso de que com isso não só fiquemos em condições de dar uma boa contribuição ao desenvolvimento, de uma linha científica diferente, no panorama econômico brasileiro, como ainda vejo a possibilidade de, mediante a formação de pessoal docente qualificado, criar os quadros necessários para uma renovação na nossa Faculdade de Economia.²

Justamente, em abril de 1975, quando Celso se propõe iniciar o curso, faz um ano que recuperou os direitos políticos cassados pelo golpe militar em abril de 1964. Estivera no Brasil em meados de 1974, participara da reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) no Recife, mas seria a primeira vez, desde o golpe, que exerceria uma atividade acadêmica no Brasil. Na correspondência da época desponta e ganha corpo o desejo de regressar ao país, de dar por encerrado um decênio de exílio e

1. Carta de Celso Furtado a Geraldo Ataliba, 19 de dezembro de 1974.

2. Carta de Geraldo Ataliba a Celso Furtado, 12 de setembro de 1974.

reinstalar-se de modo mais permanente na *patria casual*, citando o poeta.³ Já não teria sentido “esperar uma evolução” na política brasileira para, só então, fixar-se de novo em sua terra. Voltaria a morar no Rio de Janeiro, ficando Paris como “residência secundária” onde passaria uma temporada anual, provavelmente em curtas atividades acadêmicas.

Decidido a ir se desvinculando dos compromissos no exterior, concentrara num só semestre suas atividades docentes em Paris. Sente-se aliviado ao saber que gorou sua candidatura a reitor da Universidade das Nações Unidas, criada algum tempo antes em Tóquio:

A disputa final foi entre o meu nome e o de um professor americano candidato do governo do Japão. [...] Quando imaginei que ia voltar ao *ballet* das organizações internacionais, passar metade do ano em aviões, lidar com dezenas de governos, quase entro em pânico. Tanto mais que eu dou um boi para não entrar na briga mas peço uma boiada para não sair dela...⁴

Acabara de rever seu livro *Formação econômica da América Latina*, cuja nova edição, atualizada, se chamaria *A economia latino-americana*.⁵ Estudava a crise do capitalismo, o que exigia ler muito sobre as empresas multinacionais. Num seminário internacional em Teerã, em março de 1975, apresentara o *paper* “O capitalismo pós-nacional”, sobre as transformações da economia mundial: “Vou continuar trabalhando esse tema: o estudo da fase pós-nacional do ca-

3. *Pié en la patria / casual o elegida / corazón en el aire del mundo*, de Juan Ramón Jiménez, são os versos da epígrafe de *Teoria e política do desenvolvimento econômico*, de Celso Furtado, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1967. A última estrofe é retomada como epígrafe em *Os ares do mundo*, Celso Furtado, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991. O poeta espanhol Juan Ramón Jiménez, prêmio Nobel de literatura em 1956, morreu no exílio, dois anos depois, em Porto Rico.

4. Carta de Celso Furtado a Jorge Furtado, 24 de janeiro de 1975. Em 1978, o nome de Celso Furtado voltaria a ser cogitado para o cargo de reitor da Universidade da ONU, mas, como ele dirá mais tarde, os primeiros passos da redemocratização brasileira salvaram-no de iniciar um “novo exílio do outro lado do mundo”.

5. *A economia latino-americana*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007 (1ª ed.: São Paulo, Editora Nacional, 1976). O prefácio à nova edição é datado de Paris, abril de 1975.

pitalismo. Necessitamos ver mais claro o quadro geral para poder aprofundar no estudo do subdesenvolvimento.”⁶

Esse seminário, organizado pelo Institut d’Études sur le Développement Économique et Sociale (IEDES) da Universidade de Paris e pela Universidade de Teerã, reuniu nomes ilustres do cenário intelectual e político europeu, como o ex-primeiro-ministro Pierre Mendès-France, o intelectual Norberto Bobbio, e o futuro primeiro-ministro Raymond Barre, então professor de economia na Sorbonne. O texto apresentado por Celso foi publicado simultaneamente no México, Chile, Argentina, Senegal e França.⁷ No Brasil, seria o artigo de capa do primeiro número de *Cadernos de Opinião*,⁸ lançado pelo editor Fernando Gasparian. A revista *Esprit*, que publicou o texto em dois números, fez uma introdução ao “importante ensaio do economista brasileiro Celso Furtado”:

Num momento em que os equilíbrios econômicos e políticos no mundo capitalista são novamente questionados, parece-nos que esta síntese, informada e bem argumentada, oferece, ao cabo de uma leitura atenta, o quadro de referências de que muitos necessitam.⁹

Aqui o publicamos na íntegra, sinalizando assim o horizonte de reflexões teóricas de Celso no momento em que ministrou o curso na PUC. A primeira parte é um histórico das grandes fases do capitalismo como sistema mundial e do descompasso da economia internacional. O mundo vivia uma forte instabilidade monetária e financeira em seguida ao primeiro choque do petróleo, às pressões sobre o dólar e à inflação que avançava para os dois dígitos na Europa e nos Estados Unidos.

Os riscos desse processo para a execução de qualquer política de desenvolvimento não escaparam a Celso, que em seu ensaio antevê

6. Carta de Celso Furtado a Antonieta Rezende, 9 de abril de 1975.

7. *El Trimestre económico*, v. XLII, nº 168, México, 1975; *Estudios internacionales*, ano VIII, nº 30, Santiago, 1975; *Asuntos internacionales*, Buenos Aires, 1975; *Foro del Tercer Mundo*, Dakar, 1975; *Esprit*, v. 43, nº 445, abril de 1975 (partes I e II); v. 43, nº 446, maio de 1975 (parte III).

8. *Cadernos de opinião*, nº 1, Rio de Janeiro, 1975.

9. *Esprit*, v. 43, nº 445, cit.

o que estava se gestando naquele quadro de desregulação e desordem financeira internacional e que, hoje, explodiu.

Ele advertia nesse texto premonitório:

[...] a verdade é que as fronteiras dos antigos sistemas econômicos nacionais vão desaparecendo sem que o perfil do novo sistema global se haja definido com clareza [...]. Os recursos que transitam pelo mercado financeiro internacional e que escapam ao poder de quaisquer autoridades monetárias somam centenas de bilhões de dólares. Existe, portanto, uma esfera de decisões que não se confunde com os quadros institucionais controlados pelos Estados nacionais [...]. Em síntese: dentro do quadro institucional atual os governos não têm a possibilidade de *coordenar* a ação que todo um conjunto de poderosos agentes exerce no sistema capitalista [...]. Os focos de instabilidade surgem naquilo que chamamos de nova dimensão internacional do sistema capitalista. Como essa dimensão cresceu consideravelmente, nos últimos dez anos, sem que se haja feito qualquer progresso no sentido de submetê-la a controle, a formação de processos desestabilizadores vem aumentando de forma alarmante.

A segunda parte do ensaio é uma análise estrutural do sistema, com foco nas relações entre o centro, os países capitalistas industriais, e a periferia formada pelos países subdesenvolvidos:

O autor aí demonstra que, começando atrasada, a industrialização da periferia se faz a preço de uma monopolização dos benefícios do desenvolvimento por uma camada estreita da população e por meio de um poder autoritário do tipo tecnoburocrático, e muitas vezes militar.¹⁰

Na terceira parte Celso indaga se a emergência do capitalismo pós-nacional, crescentemente integrado, levaria ao fim de um modelo de civilização, ou, ao menos, a um esboço de novas relações entre o centro e a periferia. A orientação dada então ao desenvolvimento agravava as desigualdades sociais, tanto mais que na periferia o processo de industrialização sob controle de filiais das transnacionais “significa a transplantação de formas de viver que

10. Id., *ibid.*

correspondem a países de muito mais alto nível de acumulação”. O grupo de países importadores de petróleo e de outros recursos não renováveis era, então, o mais frágil de todo o sistema, pois “nesses países convergem as pressões geradas pela degradação dos termos do intercâmbio e as produzidas pela concentração de renda inerente ao capitalismo periférico”. O artigo termina, todavia, com um toque de certo otimismo:

[...] Seria ingênuo imaginar que a época das disparidades crescentes entre centro e periferia e dentro dos países periféricos esteja nos seus últimos dias. Mas existem indícios de que se gesta uma época de convergências para uma concepção do desenvolvimento que implica em novo projeto de civilização.

* * *

Vincular-se à PUC de São Paulo por um semestre letivo era um projeto duplamente tentador nessa fase de organização da retirada, pois iria permitir a Celso enfronhar-se na vida universitária do Brasil e estudar o que restava do “milagre” que embalara e embaíra os brasileiros. Com esse curso ministrado na PUC ele integrou, pela primeira e única vez, o corpo docente de uma universidade brasileira. Foi sua única experiência regular de professor — como era chamado comumente pelos brasileiros — no Brasil.

Ao fio da correspondência com o reitor, o contorno do curso, de pós-graduação, ganha nitidez. Celso sugere o tema Economia do Desenvolvimento, que ele pretende desdobrar em subtemas como desenvolvimento e dependência: a experiência latino-americana; desenvolvimento e dependência: a experiência brasileira; desenvolvimento e relações internacionais etc. Dispõe-se a ficar no Brasil de quatro a cinco meses; admite que não é muito, mas “o que interessa é plantar uma semente que possa germinar”.¹¹ O propósito do curso é triplo: formativo, por meio da exposição de problemas e questões teóricas; informativo, graças à análise da atualidade dos países subdesenvolvidos; e reflexivo, pelo esforço de professor e alunos pensarem juntos certos tópicos.

11. Carta de Celso Furtado a Geraldo Ataliba, 19 de dezembro de 1974.

Haverá duzentos inscritos, todos graduados em economia, ciências sociais, engenharia ou agronomia, dos quais ele pretende exigir um mínimo de leituras prévias. As aulas se estenderão de junho a setembro, perfazendo um total de 48 horas. Serão duas vertentes: as exposições semanais, de duas horas, com a participação de todos os alunos; e os seminários quinzenais, também de duas horas, em oito turmas de 25 alunos, com o objetivo de provocar uma reflexão em torno dos pontos mais importantes.

Tribulações de um seminário

Brasil, 1975. Desde que o presidente Ernesto Geisel anunciara a distensão política, os tempos, à primeira vista, já não pareciam tão bicudos. Mas era subestimar as raízes deitadas pela ditadura. Um seminário sobre economia do desenvolvimento, organizado por uma universidade católica, a cargo de um professor sem vinculação partidária nem ligação com a luta armada — e que, no exílio, lecionava na Universidade da Sorbonne —, enfrentará tropeços que, com a distância, soam patéticos.

Dois anos antes, o ex-deputado Plínio de Arruda Sampaio, casado na mesma leva de Celso — o chamado *listão*, de 9 de abril de 1964 — e morando então em Bethesda, nos Estados Unidos, escrevera-lhe contando que havia recebido a visita do reitor da PUC, Geraldo Ataliba Nogueira, seu amigo de infância e vizinho de muitos anos:

O Cardeal Arns convidou-o para fazer [da PUC] uma universidade livre e eficiente e ele topou a parada. [...] Pediu-me o Geraldo que lhe escrevesse para reiterar o convite feito a você, por intermédio do Calil, para dirigir o instituto de economia da Católica.¹²

Pedro Calil Padis, jovem economista aposentado pelo Ato Institucional nº 5, de 1968, vivia exilado na França, onde era professor no IEDES. Por seu intermédio serão feitos os contatos iniciais do reitor Ataliba com Celso. Em março de 1975, quando já tudo parecia

12. Carta de Plínio de Arruda Sampaio a Celso Furtado, 5 de maio de 1973.

combinado para a viagem, Pedro recebe do reitor um telegrama lacônico: “Suspender trinta dias vinda mestre.” Seguiriam-se as explicações de Ataliba: a “TFP e adjacências estão fazendo estardalhaço” (carta a Pedro), acontecimentos “com repercussão na imprensa tornam conveniente o adiamento”, mas “é perfeitamente tranqüila a possibilidade de sua vinda” (carta a Celso).¹³ Quando o horizonte se desanuviava, o reitor passará telegrama com a senha “problema removido”.

Bastou um mês: “Problema resolvido. Espero chegada breve. Geraldo Ataliba.”

Nada prova que Celso fosse o alvo privilegiado do “estardalhaço” anticomunista do grupo Tradição, Família e Propriedade (TFP), misto de seita religiosa e milícia fascista tão provocadora quanto inexpressiva na cena política. Contudo, foi para sondar a conveniência de sua presença na universidade que se fez uma consulta aos altos círculos do poder. O professor Celso Antonio Bandeira de Mello, na época vice-reitor da PUC, lembra que, quando soube que Celso aceitara o convite para lecionar na universidade, aventou com o reitor a hipótese de que, chegando ao Brasil, ele fosse preso. Daí a precaução da sondagem, que Bandeira de Mello fez junto ao senador André Franco Montoro. Dias depois, Montoro trouxe de Brasília a informação de que não tinha havido “reação desfavorável”, e que portanto acreditava que “nada iria acontecer a ele”.¹⁴

Celso dá detalhes:

Depois o reitor me contou que conversou sobre o convite feito a mim com o então ministro da Justiça, Armando Falcão, e ouviu dele o seguinte: “Eles estão um pouco assanhados agora, mas é bom que o Celso venha, para testá-los.”¹⁵

Também chegou a ele a informação de uma consulta, feita por emissário com bom trânsito no governo, junto ao general Golbery do Couto e Silva, chefe da Casa Civil do presidente Geisel. A res-

13. Cartas de Geraldo Ataliba a Pedro Calil Padis e a Celso Furtado, 18 de março de 1975.

14. Celso Antonio Bandeira de Mello à autora, setembro de 2008.

15. Carta de Celso Furtado a Antonieta Rezende, s.d., provavelmente fins de 1975.

posta embutia o mesmo adjetivo empregado pelo ministro da Justiça e personalizava o *eles* do recado anterior: “O Frotinha anda assanhado, melhor esperar.” O “assanhamento” do general Silvío Frota, ministro do Exército, era um prenúncio sinistro da truculência dos órgãos da repressão que em outubro daquele ano prenderiam e assassinariam o jornalista Wladimir Herzog. Nesse momento, Celso já estava de volta à França.

Celso viaja para o Brasil no dia 1º de maio de 1975. No dia 9, está integrado nos quadros da universidade. Na terça-feira, 3 de junho, uma reportagem da *Folha de S. Paulo* anuncia o curso, que começa nessa noite. As duzentas vagas já estão preenchidas por estudantes de economia e áreas afins, e também por professores da USP, PUC e Fundação Getúlio Vargas. Diz o jornal que os alunos foram selecionados por Celso e que o curso poderá ser a semente de um futuro mestrado em economia. O programa publicado tem dezesseis capítulos. Com pequenas diferenças de enunciado, são os mesmos do curso ora publicado.

Um dos professores que assistiram às aulas da PUC foi o economista Luiz Carlos Bresser-Pereira, já então amigo de Celso. Dois anos depois, Bresser enviou-lhe uma carta que trazia em anexo uma bela surpresa: “Um trabalho de sua autoria do qual você não tem conhecimento: *A industrialização periférica*”.¹⁶ Tratava-se, na verdade, da transcrição de uma das aulas, feita por dois alunos de Bresser, que em seguida revisou o texto desgravado “o mais cuidadosamente que pude” e o transformou numa apostila da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas, onde então lecionava. O texto está publicado neste livro.

Celso dá as primeiras impressões sobre suas aulas em São Paulo:

Ontem comecei meu curso. Tive boa impressão da turma, formada de graduados, na maioria economistas. Faço uma preleção de duas horas na terça (de 20 às 22 horas) e na quarta e quinta trabalho com eles em seminários. O curso está programado para durar até meados de setembro. Tenho ido ao Rio em fins de semana, para tomar sol e respirar na praia um ar menos poluído.

16. Carta de Bresser-Pereira a Celso Furtado, 16 de março de 1977.

Aqui num dos últimos dias não se via uma lâmpada acesa a 150 metros. Duas vezes tive um começo de resfriado forte, dores de garganta. Amigos atribuem à poluição. Deve ser um pouco de tudo, inclusive a frieza nos ambientes em que trabalho.¹⁷

Leva uma vida discreta. Mora num pequeno apartamento alugado pela universidade, frequenta uns poucos amigos. Em 9 de junho, vai ao Rio participar, ao lado de Roberto Saturnino Braga e Fernando Henrique Cardoso, de uma mesa-redonda no Teatro Casa Grande, lançamento do primeiro número de *Cadernos de Opinião*. Uma semana depois, de volta a São Paulo, dá uma longa entrevista ao *Jornal da Tarde*, ao jornalista Claudio Cerri, que nota em Celso “o zelo extremo em tratar de questões referentes ao seu próprio país e a preocupação em ressaltar o caráter meramente acadêmico das suas atividades hoje no Brasil”.¹⁸ Aceita participar de um ciclo de conferências organizado pelo Diretório Acadêmico Leão XIII, da Faculdade de Ciências Econômicas da PUC, mas horas antes da primeira palestra, marcada para o dia 8 de setembro, os estudantes são informados “da não-permissão para a realização do ciclo”. Escreve-lhe dias depois o responsável pelo Diretório Acadêmico:

Considerando os lamentáveis acontecimentos que resultaram no bloqueio, por parte da Reitoria desta universidade, do ciclo de conferências para o qual V^a S^a estava convidado, sentimo-nos na obrigação de prestar-lhe alguns esclarecimentos. [...] Gostaríamos de transmitir-lhe a surpresa e o desapontamento dos alunos desta universidade face à atitude da administração, bem como agradecer à V^a S^a pela disposição em contribuir para uma reflexão necessária, não só como estudantes mas também como membros de uma sociedade.¹⁹

Já um mês antes, Celso fora o pivô involuntário de outra encenação universitária, de cunho aparentemente político, assim como a posterior. Os bacharelados da Faculdade de Economia e Admi-

17. Carta de Celso Furtado a Lucia Tosi, 4 de junho de 1975.

18. *Jornal da Tarde*, 16 de junho de 1975. A entrevista foi parcialmente reproduzida na coluna “Panorama Econômico”, de Hélio Duque, *Panorama*, Londrina, 29 de junho de 1975. Encontra-se na íntegra no final deste livro.

19. Carta de Dagomar Del Nero a Celso Furtado, 17 de setembro de 1975.

nistração da Universidade Federal do Rio de Janeiro o haviam escolhido como patrono, estando prevista para 7 de agosto a colação de grau. Mas, como a oradora da turma lhe explicaria num bilhete manuscrito no verso do convite, enviado depois da data da formatura,

[...] devido às pressões sofridas dentro da faculdade não nos foi possível concretizar a homenagem a que você faz jus pela sua dedicação ao estudo da realidade brasileira dentro de uma posição crítica e independente.²⁰

No convite em papel pergaminho e letras góticas via-se, embaixo do nome previsto para o patrono — vetado pela cúpula — um espaço em branco. Era evidente que a propalada distensão do governo Geisel, mais intenção que gesto, ainda não chegara às universidades.

Em início de outubro Celso está de volta a Paris para o novo ano letivo. Deixou apalavrado com a reitoria da PUC um curso para o ano seguinte. Mas na correspondência posta em dia nas férias natalinas de 1975 descortina-se nas entrelinhas o contorno de uma desilusão, senão com o trabalho acadêmico, ao menos com o ensaio de retornar ao Brasil.

Escreve a um amigo de toda a vida:

Quando saí do Brasil em 1964 pensei que voltaria dentro de dez anos. Na medida em que esse período se ia cumprindo, meu desejo de voltar foi aumentando. Agora vejo que tudo isso era uma ilusão e que estar aí não significa nada pois não tenho condições efetivas de trabalho e o que posso fazer para ajudar outras pessoas é muito pouco.²¹

À irmã:

Quando saí daí em outubro eu estava muito mais pessimista com respeito à situação geral do que quando havia entrado cinco meses antes. [...] Não vejo muito sentido em falar para um grupo de alunos nas condições que prevalecem atualmente aí. [...] Aca-

20. Bilhete de Maria Carolina Capistrano a Celso Furtado, no verso do convite.

21. Carta de Celso Furtado a Adhemar Nóbrega, 23 de dezembro de 1975.

bo de receber uma carta do reitor da Universidade em que estive este ano insistindo para que eu volte. Mas já não me sinto muito motivado.²²

Ao reitor:

Quero dizer ao amigo com toda franqueza que hoje estou muito mais pessimista com respeito à possibilidade de realizar um trabalho universitário útil em nosso país do que há um ano. Os cinco meses que passei aí me foram de extrema utilidade para observar o quadro geral. A verdade é que eu me havia ausentado por dez anos e meu sistema de referências se havia gastado. A experiência do tempo que passei aí me restituiu a lucidez e já não me posso dar ao luxo de deixar-me levar por certas ilusões.²³

Como se fosse arrumando as idéias à medida que escreve, foi se convencendo do descompasso entre o sonho de retirada e a realidade bruta do país que o acolhia. Se era genuíno o seu desejo de retorno, agora ele perdeu esse *senso de urgência* a que tanto se referia, essa sensação de estar *em dívida* intelectual com o país, pelo qual *devia* fazer muito. Inicia 1976 com outros planos. E com a certeza de que não se prestará ao papel de álibi para que o governo militar se pavoneie e considere que a distensão caminha tão bem que até Celso Furtado pôde retornar ao país:

Seria bem mais gratificante para mim estar aí e realizar um trabalho útil. Mas não quero estar aí para dar a impressão de que as coisas se estão *normalizando* na universidade brasileira [...]. Voltei a aceitar a direção de teses e passei a dedicar-me mais aos alunos. Também decidi comprar um pequeno apartamento no Quartier Latin, onde instalarei minha biblioteca, ambiente de trabalho.²⁴

Ao sabor da leitura desse punhado de cartas, fica claro que o curso ministrado na PUC paulista em 1975 significou bem mais que a rotineira atividade acadêmica do professor visitante que Celso foi, durante os vinte anos de exílio, em universidades como o King's

22. Carta de Celso Furtado a Antonieta Rezende, 24 de dezembro de 1975.

23. Carta de Celso Furtado a Geraldo Ataliba, 26 de dezembro de 1975.

24. Carta de Celso Furtado a Jorge Furtado, 8 de janeiro de 1976.

College de Cambridge, a American University, Yale, Columbia. Afirurara-se a possibilidade de uma guinada de vida. Mas o caminho nascido da esperança de um desfecho do exílio e de reinserção no Brasil levou-o à desesperança com o país que desde sempre fora seu campo privilegiado de estudos e observação.

O manuscrito

É num fichário preto, comprado no Brasil e guardado em Paris, que estão as notas manuscritas do curso Economia do Desenvolvimento. Uma folha introduzida antes do primeiro capítulo traz um *aide-mémoire* da saudação que Celso fez aos alunos no primeiro dia de aula, em 3 de junho de 1975. O programa por ele elaborado prevê um seminário a cada quinze dias, mas no fichário só há o roteiro de três. Num caderno espiral conservado dentro do fichário havia mais cinco textos, uns manuscritos outros datilografados, sobre os temas que abordaria em suas palestras, e aqui apresentados num “Anexo”. Também dentro do fichário estava o texto *A economia brasileira:1850-1914*, ora publicado.

Celso não se limitava a preparar “esquemas” de aulas. Se escrevia correntemente em inglês, francês e espanhol, línguas em que lecionou no exterior, preferia desenvolver previamente suas aulas, em textos quase sempre corridos. Isso lhe possibilitava expressar com mais clareza, em língua não materna, conceitos precisos e evitar as ciladas inevitáveis da exposição em outro idioma, quando certa palavra escapole, uma construção apressadamente traduzida soa esdrúxula. Quase todos os capítulos do curso da PUC, escritos em português, compõem-se de dez a doze páginas de texto discursivo. Um ou outro subcapítulo vem em “fichas”, em “enunciados” a serem desenvolvidos na aula. Pelo estilo solto, no correr da esferográfica, ora com repetições de palavras, ora com profusão de linhas sublinhadas, que realçam, mais que um termo, as frases e mesmo os parágrafos em que ele pretende insistir na exposição oral, está claro que o manuscrito não foi revisto posteriormente com vistas a uma publicação. Celso não dispensava uma revisão meticulosa de seus textos que partiam datilografados, e mais tarde digitados, para editoras e revistas acadêmicas.

Alguns capítulos, especialmente o primeiro, retomam as notas redigidas em francês para suas aulas de *Économie du développement* na Universidade de Paris-I Sorbonne. Outros, inversamente, têm aqui uma primeira versão, um primeiro estágio de sua evolução, e serão reelaborados em livros futuros, em especial *Prefácio a nova economia política* e *A economia latino-americana*. O valor intrínseco de um manuscrito está, justamente, em que ele revela pistas, veios, alicerces. Inversamente, um manuscrito pode embutir hesitações, incompletezas que, sem uma revisão do autor, permanecem em estado bruto. Que se tenha em mente que os textos referentes ao curso da PUC valem pelo que são: um laboratório de idéias de Celso Furtado, ora bem articuladas, ora condensadas, ora discursivas, sobre a economia do desenvolvimento.

* * *

Erros de grafia, essencialmente de hifenização, foram corrigidos. Alguns termos que figuravam com grafias distintas foram uniformizados. Os galicismos que pontuam seus textos do exílio, quando compreensíveis ou dicionarizados, foram mantidos.²⁵

Paris, março de 2008

25. Por exemplo, *conflituaís, desapareição, reforçamento* (cuja homofonia os aproxima do francês *conflictuels, disparition, renforcement*).